
Deep Mediatization: rumo a uma outra comunicação?¹

Liráucio Girardi Jr ²

RESUMO

Neste artigo, pretendemos entender como a noção de *Deep Mediatization*, proposta por Couldry e Hepp (2017), pode indicar uma profunda mudança no modo de se pensar a comunicação contemporânea. Isso será feito a partir da análise das novas configurações comunicacionais e mediações produzidas pela cultura da busca, pela cultura do algoritmo e sua relação com a construção dos bancos de dados, tal como foi proposta por Andersen (2018). Exploramos, ainda, o modo pelo qual os chamados *logjects* (Dodge and Kitchin, 2009) são capazes de produzir agenciamentos muito específicos que aprofundam esse processo.

PALAVRAS-CHAVE: *Midiatização Profunda*, Algoritmos, Cultura da Busca, Datificação

A proposta principal deste artigo consiste em identificar como as chamadas *novas mídias* e a complexidade dos ambientes comunicacionais contemporâneos têm obrigado um conjunto de autores a redirecionar seus questionamentos e suas abordagens no campo da comunicação.

Alguns aspectos da materialidade desses ambientes nos lançariam em uma experiência marcada pelo que Couldry e Hepp chamaram de *Midiatização Profunda* da Cultura. Entre esses aspectos, procuramos destacar a formação de uma cultura da busca e uma cultura do algoritmo integrada a complexos mecanismos de registro, arquivamento, indexação e acesso a banco de dados. As formas culturais construídas em meio a certos tipos de materialidades específicas tornam-se ainda mais relevantes com o advento da Internet das Coisas [IoT] e a sua dependência do que Dodge e Kitchin chamaram de *logjects*, ou seja, objetos que tem uma “consciência” de sua existência e da sua conexão com seres humanos e com outros objetos.

Recentemente, desenvolvemos uma análise da noção de mediação no pensamento de Jesús Martín-Barbero em virtude da comemoração dos 30 anos de publicação de sua obra *Dos Meios às Mediações* (GIRARDI, 2018). Nosso objetivo era o de avaliar a

¹ Trabalho apresentado ao GP Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Universidade Federal do Pará, em Belém-PA, de 2 a 7 de setembro de 2019

² Doutor em Sociologia – FFLCH – USP. Professor da Faculdade Cásper Líbero. Professor no Programa de Mestrado Profissional em Comunicação de Interesse Público da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGCOM USCS). e-mail: lira.sociologia@gmail.com

presença da *tecnicidade* em seus estudos sobre as mediações e entender o modo como foi usado para lidar com as particularidades dos novos ambientes comunicacionais contemporâneos. Em seu primeiro mapa das *mediações culturais da comunicação*, Martín-Barbero (1997, 2002, 2006, 2009) levava em consideração a *lógica da produção*, as *matrizes culturais*, os *formatos industriais* e as *competências de recepção* como os elementos capazes de articular mediações entre a *comunicação*, a *cultura*, a *economia* e a *política*. Posteriormente, há uma reconfiguração deste mapa que passa a destacar o que o autor chamou de *mediações comunicativas da cultura*, representada pelos processos de *institucionalidade*, *socialidade*, *ritualidade* e, o que nos interessa neste artigo, a *tecnicidade*.

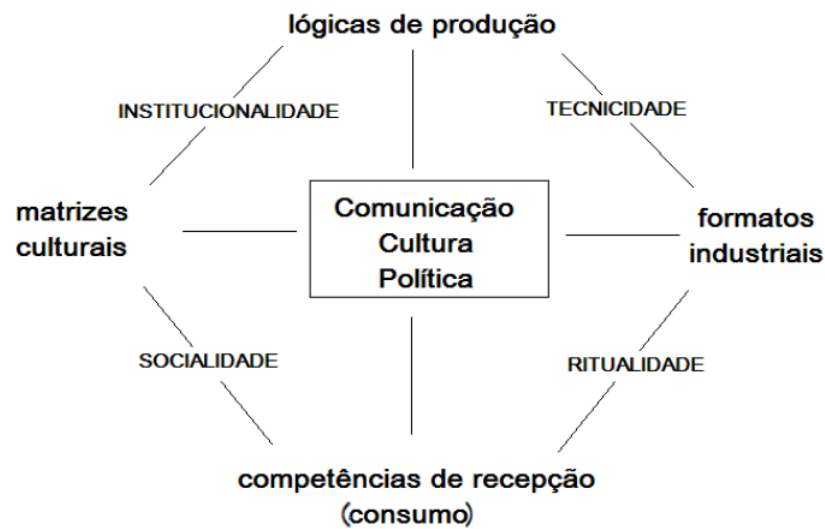


Figura 1- Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura

As mediações marcadas pela institucionalidade, socialidade, ritualidade e tecnicidade aproximam-se, de certo modo, dos processos de mediação identificados por Hepp:

... podemos definir a mediação como o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica. Com tal orientação geral, o termo mediação sugere tanto aspectos quantitativos quanto qualitativos (HEPP, 2014 p. 51).

Não pretendemos discutir aqui a importância do termo *mediação* como um elemento unificador das pesquisas na área de comunicação (Couldry e Hepp, 2013), posição na qual, apesar das críticas, tem recebido uma boa recepção. Mas, de um modo geral, os autores concentram-se nas amplas consequências que a presença de certas

configurações comunicacionais (sociotécnicas) tem ao se integrar em nossa vida cotidiana. Sobre o uso do termo mediações ou midiatização, Hepp e Couldry pretendem produzir alguns esclarecimentos:

While “mediation” refers to the process of communication in general—that is, how communication has to be understood as involving the ongoing mediation of meaning construction, “mediatization” is a category designed to describe change. It then becomes possible to link both concepts in the following way: Mediatization reflects how the overall consequences of multiple processes of mediation have changed with the emergence of different kinds of media. Even so, the concept of “mediation” continues to describe a fundamental moment in the development of communication as symbolic interaction: its passing through technologically-based infrastructures of transmission and distribution... (COULDRY E HEPP, 2013 P. 197).

Devemos reconhecer que no processo de institucionalização dos padrões de interação social, os dispositivos podem servir a uma variedade de usos, mas não podemos esquecer que as *affordances* da mídia - isto é, as possibilidades comunicativas trazidas pelas suas características técnicas e materiais – influenciam de diferentes modos nesses mesmos padrões de interação social (Hjarvard, 2015).

Embora estejam sempre trabalhando com configurações comunicativas complexas, podemos dizer que as questões que levam Martín-Barbero a considerar a importância da *tecnicidade* em seu novo modelo, são as mesmas que levam Couldry e Hepp a falar de uma era de *deep mediatization* do mundo contemporâneo

Uma nova Onda

Couldry e Hepp (2017) destacam em sua análise dos processos de institucionalização de novas configurações comunicativas as chamadas *ondas de midiatização*: a mecanizada, a eletrônica e a digital. Todas elas concorrem de alguma forma para uma característica do mundo moderno: a mobilidade.

Se os autores estão corretos em falar de uma *Deep Mediatization* contemporânea, é preciso entender a sua particularidade e verificar se ela tem uma relação de continuidade ou ruptura com as antigas formas de midiatização.

Como observa Manovich (2001), os meios de comunicação, por um lado, e a computação, por outro, sempre fizeram parte de um complexo modo de existência moderno. Se durante muito tempo elas correram em paralelo, o avanço do pensamento cibernético, fez com que esse encontro não demorasse muito tempo para ocorrer. Com

um detalhe importante: a computação precisa converter o mundo à sua ordem de existência.

Se para Williams (2016) o advento da *mobilidade privada*, centrada no lar - que marcou os séculos XIX/XX - surge sobre a construção de uma complexa rede pública de eletrificação e transporte urbana, o apoio e expansão da rede de infraestrutura de telecomunicações, a construção dos datacenters, os protocolos de comutação de pacotes de dados, além de uma série de outras medidas de infraestrutura são a base sobre a qual novas mediações e mediações digitais puderam ser experimentadas (ISAACSON, 2014). A sua conversão a práticas comunicacionais é um elemento fundamental para a construção de um mínimo de *segurança ontológica* (GIDDENS, 2002) em um mundo complexo de formas sociotécnicas diversas³.

Para Hepp, a mediação está ao lado de profundos processos históricos como a individualização, a desterritorialização e a mobilidade. Mas, é importante destacar que todos esses processos estiveram integrados a arquiteturas de comunicação muito particulares.

In fact, there can be no communication without corresponding ‘media’ that constitute its ‘material or social form’, just as there can be no society or culture without communication. Thus, when investigated rigorously and coherently, ‘media’ turns out to be a concept historically just as broad as that of communication. Potentially, ‘media’ can include a range of practices and institutions not limited to the transmission of ‘information’, ‘meanings’ or ‘codes’; in other words, it can include such generalities as language (conceived of as a medium for creating human community), writing or even money (conceived of as the concrete medium for establishing a relationship of exchange of values) (AMPUJA et al. 2014, p. 119).

Além disso, é preciso resistir a uma leitura linear e causal da mediação. As “ondas”, a que se referem Couldry e Hepp (2017), reconfiguram a matriz dos ambientes comunicacionais da nossa experiência. A ideia de que se trata de uma matriz, faz com que os autores invistam profundamente na noção de *configuração* ou *figuração* (Elias, 2011) para poder lidar com a sua complexidade.

Entretanto, é necessário ter em mente que as *forças de modelagem* da mídia tornam-se concretas apenas na ação humana, ou seja, o processo

³ “As convenções sociais produzidas e reproduzidas em nossas atividades diárias são reflexivamente monitoradas pelo agente como parte do ‘seguir em frente’ nas diversas situações de nossas vidas. (...) Todos os homens monitoram continuamente as circunstâncias de suas atividades como parte do fazer o que fazem, e esse monitoramento sempre tem características discursivas. Em outras palavras, se questionados, os agentes são normalmente capazes de fazer interpretações discursivas da natureza e das razões do seu comportamento. (...) A consciência prática é a âncora cognitiva e emocional da sensação de segurança ontológica característica de amplos seguimentos da atividade humana em todas as culturas (GIDDENS, 2002 p. 39-40)”

de comunicação – processos pelos quais a mídia é apropriada de formas muito diferentes. Como postulam os estudos de mídia e de comunicação, elas se tornam *domesticadas* (Berker et al., 2006; Silverstone e Hirsch, 1992). Além disso, temos que considerar que a história humana não é um processo de mudança de uma mídia a outra, como as narrativas da primeira geração da teoria do meio podem sugerir (ver Meyrowitz, 1995). É um processo cumulativo na qual a variedade da mídia com diferentes institucionalizações e reificações aumenta com o tempo (HEPP, 2014 p. 53).

Dourish (2017), ao fazer um levantamento dos estudos sobre a materialidade da comunicação, observa a formação de um novo espaço de pesquisas sobre a vida cultural e os objetos e ambientes digitais, formando configurações muito particulares. O que tem causado uma profunda inquietação no pensamento comunicacional contemporâneo é sua particularidade e sua contribuição para a “era da midiatização de tudo” (Livingstone, 2009).

Lemos E Bitencourt (2017) chegam a falar de uma nova sensibilidade performativa, gerada a partir de um novo sistema sociotécnico [*Internet of Things*] e centrado basicamente nos *wearables*.

Podemos definir a IoT de muitas formas, mas o elemento comum a todas as definições é a ideia de que a IoT é uma rede baseada na internet, na qual objetos físicos e digitais são instrumentalizados com sensores e interligados com capacidade de comunicação por redes com um número de identificação único. Esses objetos sentem o mundo, produzem dados e agem de forma autônoma e independente de uma intervenção humana direta. O modo particular de *sentir* o mundo, de comunicar e de agir sobre outros objetos é o que dá especificidade à IoT. Chamamos essa qualidade de sensibilidade performativa (SP) (Lemos, 2016) (LEMOS & BITENCOURT, 2018 p. 166).

Esta noção de sensibilidade performativa como um processo fundamental de *deep mediatization* nos levará, adiante, à análise dos chamados *logjects*.

Forças de Modelagem: as Configurações Comunicativas

A partir da clássica expressão de Sonia Livingstone (2009), que classifica a nossa época como a era da midiatização de tudo, seria muito importante verificar que tipos de novas mediações uma *deep mediatization* seria capaz de institucionalizar e o modo pelo qual poderia interferir na nossa maneira de pensar a Cultura. Hepp aborda os ambientes comunicacionais como *forças de modelagem* que configuram os mundos midiatizados da nossa experiência. Entre essas forças destacam-se a sua capacidade de *institucionalização*

e de *reificação* (Hepp, 2014). Elas integram-se a complexas matrizes de ações comunicativas que são chamadas pelos autores de *configurações comunicativas*.

Transferindo as reflexões fundamentais desenvolvidas por Elias para as questões de comunicação, podemos falar de *configurações comunicativas como padrões de processos entrelaçando o que existe ao longo de várias mídias e em um “enquadramento temático” que orienta a ação comunicativa*. Assim, é possível dizer que uma única rede de comunicação já constitui uma configuração comunicativa específica: isso envolve a ação comunicativa entrelaçada articulada na interação mediados pelo uso da mídia. É, entretanto, muito mais interessante relacionar o conceito de configuração comunicativa às redes de comunicação de diferentes mundos mediados como um todo (HEPP, 2014 p. 56).

Uma configuração comunicativa da experiência (ou das instituições) articula-se, portanto, como uma espécie de matriz ou diagrama. Nesse sentido, a configuração comunicativa das famílias produz um novo tipo de integração comunicativa translocal. Os dispositivos móveis como *smartphones* são tão importantes para ela quanto as redes sociais, os álbuns de fotos (digitais), as cartas, os antigos cartões postais ou a ação de assistir à TV juntos na sala ou em quartos separados. Couldry e Hepp (2017) chegam a chama-las de *figurações de figurações* comunicacionais.

Ao falar de *reificação*, Hepp observa que além de configurar experiências de institucionalização, os objetos digitais tendem a se ocultar como aparatos técnicos. Daniel Miller, por sua vez, também trabalha com o conceito de *objetificação* como um aspecto comum da cultura material [os que chama de “trecos”] e mostra como ela é sempre marcada por contradições:

...a intenção aqui é substituir a teoria dos trecos como representação por trecos como parte do processo de objetificação ou autoalienação. Trata-se da teoria que dará forma à ideia de que os objetos nos fazem como parte do processo pelo qual os fazemos. (...) Fazer carros produz uma nova versão de nós (...) os trecos podem se virar contra nós e se tornar opressivos, mas é preferível ver isso como contradição [a exemplo de Simmel] (MILLER, 2013 p. 92-93).

Mas, não se trata apenas disso. Os estudos sobre a mediação deveriam levar em consideração a materialidade de suas formas particulares de registro, arquivamento, categorização (meta-dados) e busca/acesso (FINNEMANN, 2011, ANDERSEN, 2018).

A questão política dessa abordagem não retoma simplesmente a noção de fetichismo da tecnologia, na qual as relações sociais de produção são ocultadas dos objetos, mas procura entender como essa reificação desnuda a lógica do código que orienta os objetos digitais: “In other words, decodification not reification, is the new concern.” (GALLOWAY and TACKER, 2007 p. 134).

Uma *deep mediatization* é uma configuração sociotécnica apoiada na lógica das novas mídias e ambientes digitais, que se integram a infraestruturas de registro e armazenamento de dados (*data-driven infrastructures*), capazes de combinar *digitalização* e *datificação* em formas nunca vistas antes: “New forms of interdependency are emerging here, based not on digitalization but on datafication, and the link of datafication to categorization. (COULDRY and HEPP, 2017 p. 140)

Dentro dessa nova onda de midiatização, Andersen (2018) propõe que nos concentremos em três processos fundamentais que garantem a sua existência: os mecanismos de busca, os algoritmos e o uso de banco de dados.

Cultura da busca, algoritmos e base de dados

O ambiente de abundância de dados, gerado pela própria natureza do sistema de registro digital, faz com que os sistemas de indexação e busca funcionem como um tipo particular de ação comunicativa (HILLIS *et al.* 2013).

As plataformas são grandes armazenadoras de dados/metadados gerados pelos usuários (*user-generated content*) ao mesmo tempo em que são capazes de servir como recursos instrumentais de conexão entre interesses humanos e esses sistemas – ou o que Manovich chamaria de integração entre a camada cultural e a camada computacional.

Enquanto as mídias tradicionais dependiam do domínio cognitivo mínimo de certos letramentos (ler, escrever, contar, ouvir ou ver), as novas mídias dispõem de um novo conjunto de *affordances* e novos tipos de interações comunicativas que dependem de nosso domínio prático sobre processos de armazenamento, linkagem, indexação-etiquetagem (*tagging*), produção de listas, compartilhamento e “curtidas”, navegação por janelas abertas simultaneamente, sistemas de recomendações etc.

O ato de “buscar” e navegar sobre base de dados ou listas de resultados - por meio de cálculos algorítmicos de intermediários como o Google - revela-se extremamente importante no mundo contemporâneo em que o próprio ato de tornar-se “buscável”, “representável” e visível depende da lógica e das *affordances* das mídias digitais (ANDERSEN, 2017).

É preciso lembrar, ainda, que a camada cultural é envolvida pela lógica de monetização dessas práticas em uma configuração histórica e sociocomunicativa muito particular: *the linguistic capitalism* ou *the commodification of our textual lifes* (CHENEY-LIPPOLD, 2017). Esse tipo de colonização de nossas práticas textuais

equilibra-se em uma forma cultural complexa: “The complex co-construction between the algorithms and users and between the utility of the platform and profit generation is an intricate balancing act where both technological and social affordances (Postigo, 2016) play an important role (BILLIC’, 2016, p.3)”. Os usuários são submetidos a um tratamento de *decomposição e recomposição* digital automática. Essa *dividuação e modulação*, afeta os processos de *representação* e de construção da subjetividade (ROUVROY E BERNS, 2015).

Nesse caso, o domínio de determinadas plataformas hegemônicas de busca acabaria por produzir o que os teóricos da midiatização, utilizados aqui, chamariam de uma institucionalização da cultura de busca. Uma configuração midiática baseada em critérios de relevância algorítmica sem qualquer tipo de debate público ou transparência (BILLIC’, 2016)

Essas plataformas precisam identificar as categorias que consideram adequadas para reconhecer “quem somos nós” a partir dos interesses que temos para elas, pois: “...o objetivo não é tanto adaptar a oferta aos desejos espontâneos dos indivíduos, mas, em vez disso, adaptar os desejos dos indivíduos à oferta, adaptando as estratégias de venda (a maneira de apresentar o produto, de fixar seu preço...) (Rouvroy & Berns, 2015 p. 44)”.

A “colonização” dessas dividuações, em que somos decompostos e recompostos, formam um tipo de *gray surveillance* muito difícil de ser detectada no nível individual, mas que se torna central na modulação de certos tipos de discurso social (BERLINQUETTE, 2018). Quando o Google informa as regras de indexação que utiliza, ele não está apenas nos ajudando a aumentar a probabilidade de acesso a nossos artigos, bens ou serviços. Seu sistema modula um estilo, um tipo de gênero textual otimizado segundo suas próprias regras de identificação de autoridade e reputação (STRIPHAS, 2015).

Como esses algoritmos não funcionam de forma eficiente sem que estejam integrados a gigantescos *datacenters*, estamos diante de um tipo particular de “acumulação primitiva de dados” necessária para a construção de um *cognitive capitalism*.

The commoditization central to the commercial development of the mobile Internet evidences a fusion of neoliberal rhetoric valorizing flexible working arrangements, entrepreneurial independence, and communicative and creative labor. Taken together, the mode of production currently underpinning app-centric media is consonant with

a form of “cognitive capitalism” (DAUBS E MANZEROLLE, 2015 p. 54).

Outra questão relevante da pesquisa sobre esses novos de tipos de objetos e ambientes comunicacionais consiste em romper com a ideologia de objetividade algorítmica construída pelos porta-vozes dessas novas mídias (romper com um determinado “regime de verdade digital”).

Gillespie (2018) deixa muito claras algumas posições quando observa que não existem algoritmos “enviesados”, uma vez que não existem critérios universais ou simplesmente “técnicos” de determinação da relevância dos conteúdos que produzimos.

É preciso que nos afastemos desse sonho positivista e tecnocrático da suposta *objetividade algorítmica*, funcionando como *estabilizadora de confiança* - na qual somos tentados a cair (BILLAC', 2016, SILVEIRA, 2017, VAN DIJCK, 2017). E é nesse sentido que o encontro entre algoritmos, banco de dados e a cultura da busca assume formas culturais muito particulares na era de “mídiação profunda”. Beer (2008), Cheney-Lippold (2011), Striphas (2015) e Gillespie (2018) entre outros já destacaram a importância de uma espécie de sociologia crítica dos algoritmos, pois não podemos desconsiderar as consequências trazidas pela integração entre a lógica digital e os meios de comunicação⁴.

Com a computação pervasiva, ubíqua e senciante, a transformação quantitativa trazida por esses dispositivos produz uma mudança qualitativa nas figurações comunicacionais de uma era de mídiação profunda (WIESER, 1991; LEMOS, 2000, 2004; SANTAELLA, 2013). Os algoritmos, integrados às plataformas de mídias sociais ou aplicativos, passam a ser um elemento definidor da cultura em um sentido mais amplo.

Database Driven Culture

Nesse caso, seria possível pensar a base de dados como um tipo particular de ação comunicativa que se aproxima da *ordem do discurso* ou das *formações discursivas* indicadas por Foucault (2006, 2012)?

Neste tipo de abordagem, é possível destacar que: a) os discursos configuram espaços de posições (instáveis e múltiplos) nos quais os agentes são investidos de

⁴ “As pilhas de (meta)dados são propositalmente geradas a partir de diferentes plataformas on-line que são tudo menos objetivas ... A compreensão dos padrões requer, portanto, avaliação crítica: por que nós buscamos certos padrões nas pilhas de metadados, o que interessa e com quais objetivos? Identificar padrões significativos a partir dos dados retirados de plataformas on-line é um ato intrinsecamente interpretativo, ainda que as prerrogativas implícitas sejam explicitadas.(VAN DIJCK, 2017 p. 47).

autoridade, b) essa mediação do discurso age como uma forma de interpelação e c) induz à formação de um novo regime de verdade digital (POSTER,1995, ANDERSEN, 2019). Assim, a base de dados poderia ser vista como um tipo de Enunciado da era da computação por meio da qual se produz um regime de verdade sobre a experiência de nós mesmos no mundo contemporâneo. As formações discursivas - nas quais se produz as imagens do Big Data, por exemplo - orientam normas de especificação das coisas, dos sistemas, das regularidades, ou seja, as modulações desses discursos e seu regime de verdade.⁵

Manovich, por exemplo, trata a base de dados como uma forma cultural que surge do processo de *computerization of culture*, enquanto, Berry faz referência a uma *computational turn* nas ciências humanas:

I wouldn't want to overlay the distinction between pattern and narrative as differing modes of analysis. Indeed, patterns implicitly require narrative in order to be understood, and it can be argued that code itself consists of a narrative form that allows databases, collections and archives to function at all. Nonetheless, pattern and narrative are useful analytic terms that enable us to see the way in which the computational turn is changing the nature of knowledge in the university and, with it, the kind of computational subject that the university is beginning to produce.(BERRY, 2011 p.14)

O modo pelo qual esses novos agenciamentos são formados, levam ao que Rouvroy e Berns (2015) chamaram de “governamentalidade algorítmica”, ou seja, sistemas automáticos de modelização do social baseados em uma forma de “estatística decisional”. O princípio desse novo regime de verdade está sustentado na extração automatizada e gigantesca de quaisquer tipos de dados (*dataveillance*) para que eles possam, em algum momento, ser submetidos a buscas por correlações e à produção de alguma conexão de sentido.

Há um ocultamento de toda a finalidade na coleta dos dados e um esvaziamento da ideia de um sujeito que os produz, o que faz com esse procedimento seja percebido como uma espécie de “comportamentalismo digital generalizado”. Eles podem ser modelizados e, com isso, tornarem-se capazes de reconhecer e antecipar comportamentos possíveis (VAN DIJCK, 2017). Tudo ocorreria independentemente de qualquer intervenção humana, sem qualquer hipótese, sem convenções, deixando apenas que as conexões de sentido brotem “a partir do próprio real”.

⁵ “Na verdade, todos os três aparatos – corporativo, acadêmico e estatal – têm apostado fortemente na obtenção de acesso irrestrito aos metadados, bem como na aceitação pública da datificação como um paradigma importante... A aspiração de todos os agentes para saber, prever e controlar o comportamento humano se sobrepõe em certas dimensões, ainda que difira em outras.(VAN DIJCK, 2017 p. 49)

Cheney-Lippold nos fala de uma *soft biopolitic*, uma governamentalidade baseada em *data-based models* de classificação e modelização capazes de gerar *mesurable types* (*algorithmic caricatures*) baseados em um tipo particular de *layered interaction*. Essa seria a composição de nossa fluida *datafied life*.

Uma vez que tudo é capaz de produzir conexões de sentido em algum momento, somos vistos como incansáveis produtores de dados. E, se tudo nesse mundo passa a ser reconhecido como dado (*digitizations*), a representação que nos resta é a de um *calculable people* produzido por meio de *identification codes*.

Portanto, estamos diante de uma lógica muito particular e raramente comentada: “The undeclared logic of the machine-readable world is ‘all data, all the time, on all people, at all places’, where risk is eliminated through perfect knowledge” (DODGE and KITCHIN, 2005 p.870)

Algumas breves considerações finais

Em nossas reflexões, estivemos centrados na proposta de Andersen (2018) de tratar a *Deep Mediatization* a partir da cultura da busca e da cultura algorítmica na sua relação com as bases de dados. O foco nos dispositivos móveis e na chamada *cultura centrada em apps* será brevemente abordada nessas considerações finais como indicação de futuras explorações sobre as formas de midiatização profunda.

Burrows & Beer (2013) apontam a contribuição dos estudos em *urban informatics* como uma das saídas para compreendermos o espaço de fluxos (*fluid infospaces*) que surge com a *era da midiatização de tudo*. Dodge e Kitchin destacam as novas “competências” dos objetos em uma emergente Internet das Coisas e um novo tipo de “domesticação” das novas mídias:

“...we more fully explore the relationship between software, objects and material spatiality, examining how the embedding of microprocessors and software algorithms into the objects people use to undertake daily domestic tasks is transforming them, imbuing them with capacities that allow them to do additional and new types of work in the world as part of diverse actant-networks. (...) Objects, as we will illustrate, are gaining additional competencies: to sense their environment, to record their own use, to take over aspects of decision making from their human owners; and, in some cases, are enrolled as nodes in the emerging ‘Internet of things’”(DODGE and KITCHIN, 2009 p. 1344)

Estes autores chamam nossa atenção para dois tipos específicos de objetos digitais que, cada vez mais, estarão presentes em nosso cotidiano: os *peripherally coded objects* e os *codejects*.

O primeiro deles, os *peripherally coded objects*, são os medidores digitais de velocidade e de tempo de cozimento em um forno, por exemplo. Eles servem de apoio, muitas vezes, a dispositivos analógicos.

Os *codejects* (*coded object*) podem ser classificados em três tipos:

a) os *hard codejects*: são baseados em códigos, tem um software embutido em seu microprocessador mas não são programáveis. É o caso dos dispositivos USB (*Universal Serial Bus*)

b) os *unitary coded objects* (UCOs) – que são baseados em códigos, e permitem algum tipo de programação o que faz com que os usuários possam controlar algumas das suas funções. Eles podem ser divididos em *closed codejects* (relógios digitais, DVD players) e *sensory codejects* (que regulam o ar-condicionado e as máquinas de lavar, por exemplo).

c) e os *logjects*⁶ – que registram sua atividade, mesmo quando desligados, desenvolvendo um tipo de *awareness of themselves* ou *aware of how they are being used* e podem se conectar, ou não, a complexas redes de outros objetos, trocando dados com eles.

Alguns desses *logjects* são “impermeáveis” - registram dados, mas não se conectam a uma rede. Outros, são “permeáveis” (*network logjects*), isto é, registram dados de seu histórico de uso e são capazes de serem integrados a uma complexa rede de conexões com outros dispositivos. Na verdade, muitas vezes, eles dependem dessa conexão para existir. Esses novos objetos podem reconfigurar a nossa própria experiência comunicacional com aquilo que chamamos de lar, a partir de uma espécie de *domesticação* das tecnologias de comunicação:

A significant part of this work in creating a “proper” home involves the continual ordering of time, spaces, and resources into configurations to solve ongoing problems of living. (...) Homes are metamachines of literally thousands of different technological components (...). Our contention is, as we have detailed above, that the nature of some of these material technologies in terms of everyday objects is changing as they increasingly become infused with software. Domestic objects are

⁶ Este termo é adaptado de *blogject* criado por Bleecker em um artigo que tem o título: “Why things matter: a manifesto for networked objects”. “Bleecker defines a *blogject* as an emerging class of objects that generates a kind of blog of its own use and has the capability automatically to initiate exchanges of socially meaningful information” it is an artefact that can disseminate a record of experience to the web” (DODGE and KITCHIN, 2009 p.1350)

gaining capacities that extend their technicity and enable them to do additional work in the world.” (DODGE and KITCHIN, 2009 p.1352)

Com isso, os autores acabam por retomar um tema muito importante para Williams, Silverstone, Morley: o desenvolvimento das tecnologias domésticas no contexto de mudanças mais amplas da sociedade contemporânea além de um novo tipo *mediated mobility* (GIRARDI, 2011, KEIGHTLEY e READING, 2014)

Essa contribuição dada pelos estudos em *urban informatics* (centrada em *logjects*) - que pode ser vista como uma característica fundamental das sociedades contemporâneas (MILLER & MATVIYENKO, 2014; DAUBS & MANZEROLLE, 2016) – seria de fundamental importância para pensarmos a *Deep Mediatization* e as complexas *configurações comunicativas* do mundo contemporâneo. A presença dos *logjects* em nosso cotidiano devem amplificar nossa preocupação com a cultura da busca, do algoritmo e a sua integração a complexas bases de dados.

Como observa Finnemann (2011), as estratégias de abordagem dessas questões devem interferir diretamente em algumas trajetórias de estudos no campo da comunicação.

REFERÊNCIAS

- AMPUJA , Marco , KOIVISTO , Juha, VÄLIVERRONEN , Esa. Strong and Weak Forms of Mediatization Theory. A Critical Review. **NORDICOM Review** , vol. 35 (Special Issue) , p. 111-123, 2014
- ANDERSEN, Jack. Search, searching, search engines: new media interactions in digital culture. **Informationcultures**, 06/03/2017 <https://medium.com/big-data-small-meaning-and-global-discourses/search-searching-search-engines-new-media-interactions-in-digital-culture-bd1775bf8d6d> Acessado em 25/02/2018
- _____. Archiving, ordering, and searching: search engines, algorithms, databases, and deep mediatization. **Media, Culture & Society** Sage, p.1-16, 2018
- BERLINQUETTE, Patrick. How Google Tracks Your Personal Information. **Medium** Dec 4, 2018
- BERRY, David. The computational turn: thinking about the digital humanities. **Culture Machine**, v. 12 pp. 1-22, 2011
- BILLIC´, Pasko. Search algorithmns, hidden labour and information control. **Big Data & Society**, p. 1-9, jan-jun, 2016
- BURROWS, Roger, BEER, David. Rethinking Space: Urban Informatics and the Sociological Imagination. In: ORTO-JOHNSON, Kate, PRIOR, Nick. **Digital Sociology: Critical Perspectives**. Houndmills: Palgrave MacMillan, 2013

CHENEY-LIPPOLD, John. A new Algorithmic Identity – soft biopolitics and the modulation of control. **Theory, Culture & Society** v. 28 n. 6, p. 164-181, 2011.

_____. **We are Data: algorithms and the making of our digital selves.** New York: New York University Press, 2017

COULDRY, N. Mediatization or Mediation? Alternative Understandings of the Emergent Space of Digital Storytelling. **New Media and Society**. 10(3), p. 373-391, 2008.

COULDRY, Nick, HEPP, Andreas. Conceptualizing Mediatization: Contexts, Traditions, Arguments **Communication Theory** (International Communication Association). 23, p.191–202, 2013

_____. **The Mediated Construction of Reality.** Cambridge/UK: Polity Press, 2017

DAUBS, Michael, MANZEROLLE, Vincent. App-centric mobile media and commoditization: Implications for the future of the open Web **Mobile Media & Communication** 4 (1) · July 2015

DODGE, Martin, KITCHIN, Rob. Codes of life: identification codes and the machine-readable World. **Environment and Planning D: Society and Space** v. 23, p. 851 – 881, 2005.

_____. Software, Objects, and Home Space. **Environment and Planning A: Economy and Space**, 41(6), 1344–1365, 2009.

DOURISH, Paul. **The Stuff of Bits: an essay on the materialities of information.** Cambridge/MA: MIT Press, 2017

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2011 (1970)

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 13.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Ditos e Escritos – vol IV: estratégia - poder – saber.** 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos – **Parágrafo**, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018.

GIRARDI Jr., Liráucio. Novas tecnologias e práticas socioculturais: apropriações do ciberespaço e da mobilidade. **Líbero**, São Paulo, v. 14, n.27, p. 93-102, jun. 2011,

_____. De Mediações em Mediações: a questão da tecnicidade em Martín-Barbero. **Matrizes**, V.12 - Nº 1, p. 155-172, jan./abr. 2018

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiáticos: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo” **Matrizes**, v. 8 - Nº 1, p. 45-64, jan./jun. 2014

HJARVARD, Stig. Da Mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias. **Parágrafo** jul./dez.2015, v.2, n.3

ISAACSON, Walter. **Os Inovadores: uma biografia da revolução digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 2014

-
- KEIGHTLEY, Emily, & READING, Anna. Mediated mobilities. **Media, Culture & Society**, 36(3), 285–301, 2014
- LEMOS, André. Cibercidades. In: **Janelas do ciberespaço. Comunicação e cultura**. André Lemos e Marcos Palacios (orgs.). Porto Alegre, Sulina, 2000
- LEMOS, André, BITENCOURT, Elias. Sensibilidade Performativa e Comunicação das Coisas: Explorando as narrativas algorítmicas na Fitbit Charge HR21 **Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXVI Encontro Anual da Compós**, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017
- LIVINGSTONE, S. M. On the mediation of everything. **Journal of Communication**, vol. 59, n. 1, p. 1-18, 2009.
- MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge/Mass: MIT Press, 2001
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997
- _____. **Ofício de cartógrafo : travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- _____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.
- _____. Uma aventura epistemológica (entrevista à Maria Immacolata Vassalo de Lopes). **Matrizes**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009.
- MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**. Rio de Janeiro, Zahar, p. 36-56, 2013
- POSTER, Mark. Database as discourse, or electronic interpellations. In: Poster, M (ed) **The Second Media Age**, Cambridge/MA: Polity Press, 1995
- ROUVROY, Antoinette, BERNS, Thomas. Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação. **Revista Eco Pós**, v. 18 n.2, 2015
- SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu. Governo dos Algoritmos. **Revista de Políticas Públicas**. V. 21, n. 1, p. 267-281 2017
- STRIPHAS, Ted. Algorithmic Culture. **European Journal of Cultural Studies**. V. 18 n. 4-5, p. 395-412, 2015
- VAN DIJCK, José. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. **Matrizes**, São Paulo, V.11 - Nº 1 p. 39-59 jan./abr. 2017
- WIESER, Mark. The Computer for the 21st Century. **Scientific American**, september. pp. 94-104, 1991
- WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUCMinas, 2016.